

# **BEHAVIORISMO: CONCEITOS E PRECONCEITOS**

KAULFUSS, Marco Aurélio

Docente da faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

## **RESUMO**

Apresenta-se neste trabalho de revisão de literatura aspectos gerais das teorias behavioristas, buscando suas influências antecedentes bem como alguns conceitos relevantes e contribuições para o corpo de conhecimento da Psicologia e para constituição de uma ciência do comportamento. São tecidas algumas considerações referentes a eventuais controvérsias que o envolvem. Conclui-se que o behaviorismo surge como uma resposta a demandas da Psicologia que se pretendia, e ainda se pretende, científica, deixando inegáveis contribuições à Psicologia. Como corrente teórica é sujeito a críticas, contudo continua desenvolvendo seu corpo de conhecimento e críticas são necessárias para o enriquecimento científico. Espera-se, no entanto que posições extremistas tornem-se mais raras no campo das ciências. Rótulos, estereótipos e preconceitos não favorecem nem ao criticado e nem ao crítico.

Palavras chave: ciência, comportamento, condicionamento

Tema central: Pedagogia

## **ABSTRACT**

This work of literature review presents general aspects of behavioral theories, seeking their background influences and some relevant concepts and contributions to the body of knowledge of psychology and constitution of a science of behavior. Presents some considerations relating to possible controversies surrounding it. It concludes that behaviorism is a response to demands of psychology what was intended, and still want, scientific, leaving undeniable contributions to psychology. As theoretical current is subject to criticism, yet still developing body of knowledge and criticism are necessary for scientific enrichment. It is expected, however that extremist positions become more rare in science. Labels, stereotypes and preconceptions do not favor neither criticized nor to the critic.

Keywords: science, behavior, conditioning

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem por objetivo abordar aspectos gerais das teorias behavioristas, buscando suas influências antecedentes bem como demonstrar alguns conceitos relevantes e contribuições para o corpo de conhecimento da Psicologia e para constituição de uma ciência do comportamento.

Será abordado com maior ênfase o behaviorismo radical, numa perspectiva skinneriana, embora se levantem também alguns aspectos referentes ao behaviorismo metodológico, dada sua importância histórica para o progresso da ciência comportamental.

Além das contribuições do behaviorismo, apresentar-se-ão, também, algumas considerações referentes a eventuais controvérsias que o envolvem..

## 2. O BEHAVIORISMO

### 2.1 FUNDAMENTOS DO BEHAVIORISMO

Abordar a temática do behaviorismo exige algumas considerações prévias e distinções relevantes sobre concepções em torno das proposições de uma ciência do comportamento que vieram se consolidando desde a segunda década do século XX e que deram origem a variadas abordagens sobre o assunto. Ainda que se encontre entre os behavioristas a concordância quanto à possibilidade de uma ciência do comportamento, constata-se que há entre os diversos estudiosos divergências quanto ao que seria tal ciência.

Ao propor-se uma ciência do comportamento esbarra-se em uma série de questões de natureza metodológica e mesmo éticas. Discutir o que seria o comportamento e seus determinantes coloca em análise concepções e preconceções do homem a respeito de si mesmo e de seu papel, levando-o a questionar convicções pessoais, morais, sociais e até religiosas. O surgimento de um posicionamento de natureza científica nesta área, evidentemente, não se deu de forma repentina, sendo necessário para sua compreensão remeter às suas origens filosóficas, históricas e científicas.

O surgimento do behaviorismo implicou, em certa medida, numa revolução metodológica e numa nova visão de homem, pois como apontado por Staats (1980) antes do aparecimento do behaviorismo, o método fundamental para a Psicologia era o da introspecção, sendo que os psicólogos consideravam tarefa da psicologia investigar os conteúdos, a estrutura e o funcionamento da mente, realizando o sujeito um autoexame e relatando a sua experiência, se interpretando o comportamento animal através de uma extrapolação do conceito de consciência humana.

As vertentes behavioristas recusam explicações de natureza idealista para o comportamento, não admitindo que construtos hipotéticos, no plano das ideias ou de fenômenos internos, sejam atribuídos como causa para o comportamento, devendo este ser visto como um fenômeno natural. Baum (1999) estabelece que quanto à tradição filosófica que embasa as vertentes do behaviorismo, constatar-se-ia no behaviorismo radical uma conformidade ao pragmatismo, enquanto nos pontos de vista anteriores percebia-se como influência o realismo. Posteriormente, neste trabalho, serão abordados mais detalhadamente o behaviorismo metodológico e o behaviorismo radical.

Conforme exposto por Baum (1999) na perspectiva realista defende-se a existência de um mundo real externo ao indivíduo e objetivo e de um mundo interno subjetivo construído a partir das relações do sujeito com o mundo externo acessado pelos sentidos. Em decorrência desta condição percebe-se uma concepção dualista de ser humano, já que se diferencia e separa o mundo externo do interno.

No pragmatismo, ainda segundo Baum (1999), coloca-se que a força da investigação científica reside não tanto na descoberta da verdade sobre como o universo objetivo funciona, mas no que ela permite fazer. A grande realização da ciência residiria, portanto, no dar significado à experiência, tornando-a compreensível. Segundo Magee (2001), para Willian James, um dos principais expoentes do pragmatismo, é verdadeira a proposição que: adequar-se a todos os fatos conhecidos, harmonizar-se com outras bem atestadas proposições e leis científicas da experiência, levantar críticas, sugerir noções úteis, gerar previsões acuradas e assim por diante.

O pragmatismo mostra-se agnóstico no que concerne ao mundo objetivo proposto pelos realistas. A verdade pragmática está vinculada ao poder explicativo de uma resposta, sendo mais verdadeira a ideia que permitir a melhor compreensão da experiência humana. Ao mesmo tempo, a postura pragmática supera o dualismo realista, não considerando realidades distintas.

Outras influências relevantes para o behaviorismo se fazem presentes. "Recebeu influência do hedonismo, da teoria darwiniana, de Thorndike e dos reflexologistas russos, sobretudo Pavlov" (FREIRE, 2004). Tais influências refletem-se tanto em pressupostos teóricos quanto na metodologia de pesquisa adotada pelos behavioristas.

A influência darwinista sobre o behaviorismo é evidente em sua postura funcional. "Coube a Darwin descobrir a ação seletiva do ambiente, assim como cabe a nós completar o desenvolvimentismo da ciência do comportamento com uma análise da ação seletiva do meio" (SKINNER, 2006)

No que diz respeito à influência hedonista isto se evidencia ao se avaliar as sensações vinculadas aos reforços. "De acordo com a filosofia do hedonismo, as pessoas agem para obter prazer e fugir da dor ou evitá-la (...)" (SKINNER, 2006). Nesta colocação constata-se a presença da lógica hedonista na interpretação do papel dos reforçadores, sendo necessário frisar que os princípios hedonistas também

estão presentes no trabalho de Thorndike, outra influência importante para o behaviorismo.

Conforme Bock, Furtado e Teixeira (2008) Edward Lee Thorndike foi o principal representante do Associacionismo, movimento que defendia que a aprendizagem ocorreria por um processo de associação de ideias das mais simples às mais complexas, residindo sua importância no fato de ter sido o formulador de uma primeira teoria de aprendizagem na Psicologia. Para Freire (2004), Thorndike é um precursor do behaviorismo, tendo sua investigação sobre a conduta animal consistido em um passo decisivo para a explicação do comportamento através de um controle rigoroso e sistemático.

Thorndike foi o responsável pela elaboração do conceito de aprendizagem por ensaio e erro. Tal elaboração decorreu de experimentos com animais:

“Um gato faminto era colocado numa gaiola. Fora da gaiola, à vista do gato, ficava o alimento. O gato procurava sair da gaiola para obter alimento, através de vários ensaios ou tentativas. Ocasionalmente, ele tocava na tranca que abria a gaiola e o alimento era alcançado. O experimento era repetido durante alguns dias e o gato, ia, aos poucos, eliminando os ensaios infrutíferos para sair da gaiola, coisa que conseguia em cada vez menos tempo, até que nenhum erro mais era cometido e o gato saía da gaiola com apenas um movimento preciso: o de abrir a tranca”. (BRAGHIROLLI et al, 2004)

Percebe-se, analisando o experimento descrito, que a aprendizagem por ensaio e erro consiste na eliminação gradativa dos comportamentos (ensaios ou tentativas) que levam ao erro. Por outro lado os comportamentos que tiveram efeito satisfatório se fortalecem. "(...) um ato seguido de satisfação será gravado, enquanto seguido de insatisfação será eliminado. Denominou este processo de lei do efeito" (FREIRE, 2004).

Além da lei do efeito, Thorndike elaborou ainda a lei do exercício, segundo a qual "(...) quanto mais frequente, mais recente e mais fortemente um vínculo é exercido, mais efetivamente será fixado" (FREIRE, 2004). Basicamente, a lei do exercício estabelece que a repetição fortalece as conexões entre estímulos e respostas, ou seja, a prática ou exercício diminuem os erros e aumentam os acertos.

No que diz respeito à influência dos reflexologistas russos, abordar-se-á o trabalho de Ivan Petrovich Pavlov. Conforme consta em Braghirolli et al (2004), este fisiologista tinha por interesse descobrir princípios de funcionamento de glândulas salivares, utilizando-se de cães em suas experiências. Observou que a boca do animal enchia de saliva não só à vista e cheiro do alimento, mas também na presença

de outros estímulos associados a ele, como o som de passos fora da sala, na hora da alimentação.

Constatado tal fenômeno, Pavlov optou por desenvolver estudos controlados em torno de tais reflexos. "Começou, então, a relacionar o alimento a outros estímulos, originalmente neutros quanto à capacidade de provocar a salivação, como a luz de uma lâmpada ou o som de uma campainha" (BRAGHIROLI et al, 2004).

Verificou-se a partir de tal experimentação que o estímulo inicialmente neutro após ser apresentado sucessivas vezes acompanhando o estímulo incondicionado torna-se capaz de eliciar resposta, consistindo, portanto, em um estímulo condicionado. "Essa descoberta foi utilizada pelo behaviorismo para o estudo dos processos psíquicos e revelou-se num meio ou método (condicionamento) objetivo, valioso na análise do comportamento" (FREIRE, 2004). De fato as contribuições de Pavlov se fazem presentes tanto na elaboração do behaviorismo metodológico de Watson, quanto no conceito de condicionamento respondente no behaviorismo radical de Skinner. Feitos estes apontamentos, cabe diferenciar estas duas vertentes behavioristas.

## 2.2 BEHAVIORISMO METODOLÓGICO

A inauguração da utilização do termo behaviorismo, segundo Bock, Furtado e Teixeira (2008) se deu através de John B. Watson, nos Estados Unidos, em 1913, através da publicação do artigo intitulado Psicologia: como os behavioristas a veem. Neste momento Watson, postulando o comportamento como objeto da Psicologia, dava a esta ciência a consistência buscada pelos psicólogos da época.

Como descrito por Freire (2004), baseou-se no estudo da psicologia animal para a elaboração de seus princípios, já que o estudo com animais permitia experiências não viáveis com seres humanos, tais como lesões nos órgãos sensoriais ou partes do cérebro visando identificar seus efeitos sobre o comportamento. Assim o behaviorismo adotava métodos que o aproximavam das ciências físicas. Abolia-se o estudo de eventos extranaturais como consciência ou mente e buscava-se um modelo mecanicista, materialista, determinista e objetivo de ciência.

Watson, ainda segundo Freire (2004), negaria todas as tendências inatas, sendo que o homem herdaria apenas as estruturas do corpo e seu funcionamento. Não haveria a herança de características mentais como inteligência, habilidades, instintos, talentos ou dons especiais. Os diversos comportamentos seriam explicados

a partir da influência do ambiente, sendo o condicionamento num sistema de estímulo e resposta o determinante comportamental.

A sua posição neste interim fica clara no texto abaixo:

“Dêem-me uma dúzia de crianças sadias, de boa constituição e a liberdade de poder criá-las a minha maneira. Tenho a certeza de que, se escolher uma delas ao acaso e puder educá-la convenientemente, poderei transformá-la em qualquer tipo de especialista que eu queira: médico, advogado, artista, grande comerciante e até mesmo em mendigo e ladrão, independente de seus talentos, propensões, tendências, aptidões, vocações e da raça de seus ascendentes”. (WATSON apud FREIRE, 2004)

A posição behaviorista metodológica consistiu em uma reação intensa a movimentos anteriores presentes na Psicologia, caracterizados por abordagens introspectivas e dualistas. No entanto “(...) restaram ainda problemas. A maioria dos behavioristas metodológicos admitia a existência dos fatos mentais, ao mesmo tempo que os excluía de consideração” (SKINNER, 2006). Em análise mais profunda, conclui-se que pecou por manter-se numa posição dualista ao considerar o comportamento observável como objeto da Psicologia abrindo mão da explicação de qualquer fenômeno encoberto, numa posição condizente com sua referência realista, mas incompatível com um movimento que pretendia superar o dualismo presente em toda a história da Psicologia.

### 2.3 BEHAVIORISMO METODOLÓGICO

Como frisado por Baum (1999) o behaviorismo radical baseia-se no pragmatismo. Estabelece como objetivo de uma ciência do comportamento descrevê-lo em termos que o tornem familiar, ou seja explicado, na melhor tradição pragmática.

Skinner continua mostrando-se avesso aos mentalismos que, para ele consistiriam em explicações que não explicam nada (BAUM, 1999). Cabe frisar, no entanto que no behaviorismo radical o evento interno não é negado, porém é concebido como uma manifestação comportamental, vinculada à história de aprendizagem do indivíduo (SKINNER, 2006).

Causas de natureza neurológica, psíquicas e conceptuais podem, no senso comum ou em abordagens mentalistas, ser atribuídas a determinadas condições de comportamento (SKINNER, 2003). Constata-se, no entanto que tais causas são de difícil acesso e análise e muitas vezes implicam em explanações fictícias, que pouco acrescentam em termos de explicação efetiva do comportamento. Assim pode-se alegar que o indivíduo mostrou-se agressivo porque estava com seu sistema nervoso

abalado, ou que inconscientemente havia um motivo que o conduziu a isso ou que não internalizou uma estrutura ou instância de controle do seu próprio comportamento, ou ainda, que ele agiu agressivamente porque possui uma natureza agressiva.

A adequada explicação do comportamento estaria vinculada aos eventos antecedentes e consequentes ao mesmo. A esta situação denominou condicionamento operante diferenciando-o do modelo watsoniano, denominado condicionamento respondente ou reflexo. Enquanto o condicionamento respondente refere-se à parte do comportamento eliciado por estímulos, com alto nível de previsibilidade (SKINNER, 2003), o condicionamento operante refere-se a comportamento voluntário, abrangendo um amplo leque da atividade humana.

A importância do ambiente continua se fazendo presente na perspectiva skinneriana. O conceito de ambiente, no entanto, é muito mais amplo do que na perspectiva watsoniana. Considera-se, neste contexto, o mundo sob a pele que consiste num fator extremamente relevante para determinação do comportamento dos indivíduos.(SKINNER, 2003, 2006).

Ainda que muitas das críticas dirigidas ao behaviorismo refiram-se à desconsideração dos eventos subjetivos, verifica-se que a maioria delas não é pertinente às proposições behavioristas radicais. Não é o evento subjetivo que é negado, mas o subjetivismo no processo de análise do comportamento, especialmente os vinculados a mentalismos e explicações fictícias.

## 2.4 CONCEITOS BÁSICOS DO BEHAVIORISMO RADICAL

Alguns conceitos behavioristas, embora incorporados ao jargão psicológico, ainda podem, eventualmente, gerar confusão. Cabe, portanto, abordá-los visando explicitá-los.

Reforçamento refere-se a toda consequência que seguindo a uma resposta altera a probabilidade futura de ocorrência da mesma. Os reforços podem ser positivos ou negativos. O reforço positivo refere-se a todo evento que aumenta a probabilidade futura da resposta que o produz, enquanto o reforço negativo refere-se a todo evento que aumenta a probabilidade futura da resposta que o remove ou atenua (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 2008).

Os reforçamentos podem ser administrados de forma fixa ou intermitente. Os reforçadores intermitentes podem ocorrer segundo esquemas de razão ou de intervalo. Num esquema de intervalo o reforço ocorrerá vinculado à emissão da

resposta dentro de um tempo decorrido. Num esquema de razão, o reforço estará vinculado a um número de respostas. Os esquemas de razão e intervalo podem ser fixos ou variáveis.

Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2008) a punição implica na apresentação de um estímulo aversivo ou remoção de um reforço seguindo a um comportamento visando a diminuição de sua ocorrência.

Para os autores acima a esquiva e fuga, desenvolvem-se em situações de reforçamento negativo. A esquiva ocorre quando há um intervalo de tempo apreciável entre duas estimulações aversivas, levando o organismo a mobilizar esforços para eliminar ou atenuar a segunda situação. A fuga ocorre quando o comportamento assumido pelo organismo elimina a condição aversiva presente.

A extinção de resposta implica na suspensão da condição que mantém a resposta, levando à diminuição de sua frequência e até sua eliminação. "Quando o reforço não estiver sendo dado, a resposta torna-se menos frequente, o que se denomina 'extinção operante'" (SKINNER, 2003).

Discriminação também é um construto importante no behaviorismo radical. A discriminação operante implica em assumir que um estímulo antecedente ao comportamento operante, ainda que não o elicie, interfere sobre a probabilidade da resposta sinalizando maior ou menor possibilidade de reforço. Como colocado por Skinner (2003) o comportamento operante é emitido e não eliciado, no entanto podem ser estabelecidas relações entre este comportamento e o mundo ao redor, sendo que estímulos presentes no momento de um reforçamento podem passar a contingenciar tal comportamento ainda que não tenha papel de reforçador ou eliciador.

No sentido oposto tem-se a generalização. Por sua vez, a generalização implica em estabelecer que estímulos semelhantes ao condicionado podem interferir na emissão da resposta. Um estímulo generalizado pode eliciar comportamentos respondentes ou ainda interferir sobre a probabilidade de ocorrência de operantes.

A modelagem de resposta implica em reforçar de forma diferencial o comportamento que se deseja estabelecer. "A contingência que aperfeiçoa a habilidade é o reforço diferencial de resposta (...)" (SKINNER, 2003). Assim, basicamente, a modelagem implica em reforçar sucessivamente e gradativamente as respostas que vão se aproximando de um padrão estabelecido de comportamento.

Por fim, neste breve apanhado, abordar-se-á a emoção na perspectiva Skinneriana. Para ele as emoções são frequentemente utilizadas como explicações



fictícias para justificar ou tentar explicar o comportamento. A abordagem da emoção remete à condição pragmática do behaviorismo radical. "O comportamento emocional e as condições que o geram são mais facilmente examinados quando postos em uso prático" (SKINNER, 2003). De fato a emoção em si também é comportamento vinculado a determinados estímulos eliciadores (condicionados e incondicionados).

## 2.5 SOBRE O BEHAVIORISMO: PRECONCEITOS E DISTORÇÕES A SEU RESPEITO

O behaviorismo no plano filosófico e científico acabou por abordar temáticas delicadas. Pautado por uma referência objetiva e com o intuito de desenvolvimento de uma tecnologia do comportamento gerou distorções na interpretação de seus propósitos, o que se reflete na posição preconceituosa de muitas pessoas frente a suas proposições.

O fato do behaviorismo enfatizar o papel das contingências no controle do comportamento, tendo desenvolvido uma importante tecnologia para aplicação nesta área, gera reações de pessoas que sentem tal situação como uma ameaça à liberdade. Cabe frisar, no entanto, que como o próprio Skinner (2003) lembra, os controles de fato já existem e na maioria das vezes não tem se mostrado eficazes para os fins que se pretende. A utilização do controle efetivo não seria mais danosa para a sociedade, assim como refletiria positivamente na eliminação de subprodutos inadequados das estratégias de controle governamentais, religiosos, policiais e educacionais.

A interpretação da palavra controle neste contexto talvez seja um dos principais motivadores das reações. No âmbito social controle é interpretado como o oposto de liberdade e ao se propor um controle mais efetivo, muitos subentendem como privação da liberdade. Nesta análise acaba se tendo uma visão parcial da situação, pois "(...) o problema é libertar os homens, não do controle, mas de certos tipos de controle, e só poderá ser solucionado se nossa análise puder considerar todas as consequências em jogo" (SKINNER, 1971). Analisando-se a situação objetivamente constata-se que o controle é inerente à vida humana e a liberdade é relativa à situação contingencial, o que implica que conhecer e administrar melhor tal situação não implica em redução da liberdade, mas apenas no reconhecimento dos limites desta.

Como apontado por Holland (1983), os temores em relação a uma sociedade comportamentalmente controlada decorrem das miniaturas de sociedades planejadas

(presídios, escolas, hospitais psiquiátricos, etc.) atualmente disponíveis, nas quais eventualmente os principais envolvidos utilizam-se de estratégias aversivas com públicos para os quais há aval social, como o criminoso, o alcoólatra ou o doente mental. Extrapolar modelos mal planejados e mal conduzidos como os comuns nas instituições acima, muitas vezes sob responsabilidade de indivíduos que não detêm conhecimento adequado sobre a análise do comportamento, realmente recomendaria cuidado. Também recomendaria cuidado extrapolar ações conduzidas por indivíduos que detivessem o conhecimento, mas não tivessem compromisso ético. No entanto, em qualquer uma das situações, o problema não estaria na tecnologia, mas nas pessoas que a utilizariam, normalmente frutos de controles pouco eficazes.

Mesmo no contexto acadêmico se verificam resistências frente ao behaviorismo. "O processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos que abordam a Análise do Comportamento e o Behaviorismo percorre, geralmente, um caminho árduo e este parece ser um fato comum em diferentes cursos de Psicologia do Brasil" (WEBER, 2002). A autora aponta que boa parte dos preconceitos manifestos, tanto por alunos quanto por profissionais estão vinculados ao efetivo desconhecimento da área. Constatam-se apontamentos estereotipados, e que na maioria das vezes já foram superados conceitual e metodologicamente dentro do próprio escopo do behaviorismo.

As distorções podem ocorrer até ao nível das proposições teóricas behavioristas. Muitos associam o behaviorismo à ideia da punição e outras formas de controle aversivo. Imaginar que deter uma tecnologia leva automaticamente ao abuso de poder é um posicionamento que pode até se admitir do cidadão médio num primeiro momento, embora mesmo neste caso mereça correção, porém no meio das ciências é fundamental que as pessoas aprendam a controlar os próprios preconceitos e mesmo ao discordar, que assumam um posicionamento mais adequado, pautado por argumentos e não por distorções ou visões preconceituosas..

### **3. CONCLUSÕES**

Realizado o trabalho, constata-se que o behaviorismo surge como uma resposta a demandas da Psicologia que se pretendia, e ainda se pretende, científica. Mostrou-se bastante estruturado em termos de método e pressupostos e deixou inegáveis contribuições à Psicologia.

Esperar, no entanto, que uma determinada corrente teórica encerre todo o conhecimento em torno de uma ciência seria ingenuidade. O behaviorismo continua desenvolvendo seu corpo de conhecimento e críticas são necessárias para o enriquecimento científico.

Espera-se, no entanto que posições extremistas tornem-se mais raras no campo das ciências. Rótulos, estereótipos e preconceitos não favorecem nem ao criticado e nem ao crítico.

#### 4. REFERÊNCIAS

BAUM, W. M. **Compreender o Behaviorismo**: ciência, comportamento e cultura. Porto Alegre: Artmed, 1999.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de Psicologia. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

BRAGHIROLI, E. M.; BISI, G. P.; RIZZON, L. A.; NICOLETTO, U. **Psicologia Geral**. 24 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREIRE, I. R. **Raízes da Psicologia**. 8ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

HOLLAND, J. G. **Comportamentalismo** - parte do problema ou da solução? In: *Psicologia* 9 (1): 59-75, 1983.

MAGEE, B. **História da filosofia**. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

STAATS, A.W. **Behaviorismo social**: uma ciência do homem com liberdade e dignidade. In: *Arquivos brasileiros de psicologia* 32(4): 97-116, 1980

SKINNER, B. F. **O mito da liberdade**. Rio de Janeiro: Bloch, 1971.

\_\_\_\_\_ **Ciência e comportamento humano**. 11 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_ **Sobre o behaviorismo**. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

Weber, L.N.D. **Conceitos e pré-conceitos sobre o behaviorismo.** *Psicologia Argumento*, 20(31), 29-38, 2002